

DA TERRA, AS BRUMAS*Vinícius Spiger¹*

O vento, cruor que animara aquela noite, penetrava o espírito de cada um que ali se fazia presente. Se reduzidos à fração do indivíduo, incompreensível seria a melodia soprada em seus ouvidos por tal gélido ar; inacessível o sentimento a queimar nos olhares. Poder-se-ia dizer que, naquelas multidões, eram apenas três os que existiam.

Ansioso por seu primeiro disparo, o inexperiente soldado tremia, refogando medo e excitação no frio; três sensações distintas agora indistinguíveis. “Quanto tempo mais até que a ação finalmente comece? Caramba! Além de nebuloso, isso aqui é frio demais. Será que o regulador térmico pifou de vez? Droga, capitão! Vamos logo! Quanto tempo mais?”. Os pensamentos fluíam energicamente, e os calmantes que metodicamente tomara algum tempo antes do desembarque em nada pareciam ajudar. A ansiedade era irreduzível. Naturalmente, a situação não poderia ser outra, senão aquela; afinal, era sua estreia em um campo de batalha, a hora de provar que todas as condecorações e medalhas obtidas na Academia transcendiam o conhecimento teórico. Sabia que valia mais que um punhado de livros. Como tantos outros, aquele novato tinha ciência que aquele era o momento ideal para brilhar, se tornar uma estrela. E isso só era possível relegando os oponentes à glória da morte e tomando para si as comodidades de estar vivo. Vivo e inteiro, preferencialmente. Ainda que não houvesse para quem se vangloriar em tal momento, era comum a noção de que a ascensão estava interligada ao sucesso naquele campo de batalha. Sem sucesso, sem comodidades. Tudo isso

¹ Cirurgião-dentista e Mestre em Odontologia em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina; atualmente, é aluno de doutorado, com foco no Ensino de Odontologia. Atua como profissional do SUS no município de Rosário do Sul – RS. De maneira independente, é autor de contos e ensaios, e entusiasta do cinema e da música, como violonista e produtor de filmes independentes. E-mail para contato: viniciusspiger@gmail.com

abalava o dedo inquieto que namorava o gatilho, trêmulo como o tribulante espírito do soldado. “Vamos, capitão! Dê logo a maldita ordem de execução!”

Livre do caráter antiestético (e desconfortável) das pesadas armaduras que isolavam seu pelotão, o capitão Cícero pacientemente lapidava o momento adequado para se manifestar. Não era, afinal, um outro qualquer; do peso de suas palavras ele erguera fama tão grande que fora capaz de desfrutar de um dos mais altos entre os postos militares. Sabia que de tolos, o universo era farto. Ali, sob o seu comando, havia milhões deles. Avantajados intelectualmente eram coisa mais rara, mas, em geral, não iam muito além de dispensáveis notas de rodapé na história. Homens sensatos e espertos, como ele, estes sim eram de valor. Ocupando tal posição, não se daria o luxo de vacilar. Aquela noite era noite de justificar a alcunha de paladino das palavras, cunhada na sua mais preciosa medalha. Cada escolha retórica deveria brilhar como sua armadura, projetada exclusivamente para ressaltar suas virtudes. Heráldico, seu vocabulário não representava mais a si mesmo nem aos tantos que sob suas ordens tinham o peso da vida, mas aqueles que a sua própria vida regiam. Em poucos minutos, empregaria o seu melhor em prol do Olimpo, na esperança de que um dia também ele se tornasse um deus.

- Clamo-vos: escutai com a mais dedicada das atenções!

“Começou. O capitão profere o discurso, a palavra falha, a bala fala e a vida cala. Se faz a paz”. Segurou firme seu fuzil, a grande hora derradeira se aproximava.

- Se quereis ser livre, por que não aceitais de bom grado o que vos propõe o Olimpo? É fato que não há entre vós um sequer capaz de lucrar com a pecaminosa teimosia que insistis em cair. Também eu sou ciente de que vosso domínio das tecnologias é de um grau animalesco. Estais mais próximos das bestas do que dos homens, mas sereis tão cegos que nada enxergais além destas brumas? Recusar-vos-eis a aceitar a insistente caridade que até mesmo aqui, no campo de batalha, se faz presente? Será mesmo que o vosso nobre orgulho, além de honorável, é também tolo? Abdicais de todo o prestígio que vos foi oferecido em prol de uma ilusão? Tolice! Escapais do progresso meramente para justificar uma

vida na lama. Será possível que vos dominou a completa insanidade a tal ponto que vos considerais capazes de executar um triunfo militar? Das terras às brumas, tudo o que nos rodeia neste planeta já pertence ao Olimpo, não só no hoje ou no amanhã, mas em verdade, no sempre. Não percebeis? Pela espontânea vontade ou pela imposição do desejo dos deuses, vosso destino fora selado no princípio. Que alguns poucos insanos desejem morrer professando tamanha loucura, me é compreensível. Mas ao menos que se faça justiça ao ponto de que aqueles que assim queiram possam enxergar um pouco de luz para além de vossas nebulosas trevas. Respondei-me!

Do lado oposto, reinava uma serenidade implacável. Ainda que de face enrugada, repleta de cicatrizes, aquele líder mantinha um corpo invejável: em seus músculos constantemente nutridos, projetava o próprio exoesqueleto do espírito constante de seu povo. Durante o discurso de Cícero, permanecera imóvel, apenas insuflando ar em seus pulmões. Ar e brumas. Sentia no ambiente de sua terra a tragicidade daquele momento, e aceitava-a de boa vontade. Sabia ser o destino inevitável. Entre inspirações e expirações, preparou uma melodia fúnebre adequada para os sopros que deveria ali proferir. Fechou os olhos por um instante. Viu o rio de sua infância, coberto pela tradicional neblina do outono. Ali, seu pequeno irmão brincava, enquanto seus genitores observavam complacentes; na ternura do sorriso da mãe, na consciência severa do olhar do pai. Quando jovem ele era facilmente intimidado por aquela pintura mental. Porém, agora era exatamente aquela a imagem-motivadora. Ciente de tudo, proferiu:

- Polidas como joias, profundas como uma poça d'água. Assim são tuas palavras, Cícero. Perante a elas, só há uma resposta possível, já falada e profetizada, que se faz viva hoje dentro de cada homem e de cada mulher que firme se põe frente a vossos olhos. O desejo do Olimpo é a possessão, e essa é a verdadeira ilusão. Deuses fracos são aqueles que sucumbem pela própria ganância, eu afirmo. Por maior que seja o desejo, ele não é a Vontade. Creio que perceberão tarde demais que essa terra não deseja aos porcos, mas às pérolas.

Esta é a resposta, Cícero: nem a fraqueza das vãs palavras, nem a desonra das vis balas. Faremos nós nossa própria paz!

“É agora!”, batia agoniado com seus dedos o soldado no gatilho, na eternidade da espera ao comando de ataque. Porém, mais veloz que a ordem era a determinação do oponente. Antes que Cícero pudesse executar qualquer comando, nem mesmo a densidade da névoa fora capaz de ocultar o brilho celeste que se levantara junto às lâminas no ar. Ali, toda a energia pairava no fio, profetizando o triunfo da *exenteração axinomântica*. Ao banhar o solo com suas vísceras, cada um daquele povo se tornava também a própria terra, em um ritual de sangue e paixão.

Quando a mão trêmula do perplexo Cícero foi capaz de finalizar o sinal de ataque, sinal este que tantas outras vezes lhe trouxera glória não menor do que a de suas palavras, não havia mais inimigo a ser derrotado. Incrédulo, pela primeira vez em toda sua vida Cícero era ignorante; ignorava o que pensar e o que dizer. Aquele embate se resolvera de uma maneira tão rápida e eficiente, sem sequer o luxo e o custo de uma discussão ou de um disparo. Mesmo que a economia fosse condecorada, Cícero não concebia tal cenário, aquilo, o que quer que fosse, como uma vitória. Mas por quê?

Não menos incrédulos estavam os soldados, sem sequer saber como expurgar toda a tensão e ansiedade que acumularam até então. Nem mesmo um alvo para projetar. Esvairou-se o sonho do brilho. Alguns poucos, perdidos e esparsos, comemoravam não-se-sabe-o-que de maneira um tanto quanto discreta, pois de um modo ou de outro, o oponente fora aniquilado e a missão cumprida. Para tais, era o mesmo que o sucesso. Para outros, os festejos eram o triunfo do fracasso.

- Sentem, acampamento! — ordenou Cícero, quebrando o indesejável silêncio — A equipe de higienização deve iniciar a limpeza dessa bagunça agora mesmo! Os demais, não ousem baixar a guarda. A hipótese de algum ataque surpresa não deve ser descartada. Vamos! Trabalhem!

Ofegante, Cícero calou-se. E no mesmo silêncio que o perturbava fez seu recolhimento à base, e em seu quarto se isolou. Privou-se do dever de comunicar o sucesso da missão aos superiores, e ali mesmo acabou com seu dia.

Lá fora, a cerração parecia finalmente se dissipar e, apesar da quantidade de corpos putrefatos, havia um aroma adocicadamente desconhecido se espalhando madrugada adentro. Aqueles que não estavam atarefados demais coletando vísceras e lavando sangue podiam contemplar o que seria um agradável cenário: um longínquo mar revolto na imensa escuridão e o raro brilho das partículas de areia em tom sépia a formar o perfeito contraste entre sombra e luz. Tamanha era a paz do ambiente que ninguém conseguia de fato senti-la. O que predominava era uma estranha e inexplicável inquietação; rígidos feito rochedos, os músculos dos soldados refletiam o estado de ânimo que aos poucos se solidificava naquele sítio militar. Sem brumas nem ventos, a tranquilidade atormentava, e o único som que se ouvia era o dos aspiradores que finalizavam a assepsia do local. Nem mesmo os mais otimistas e covardes ousavam falar alguma coisa. Sem ruídos e barulhos, contentava-se cada qual com o torpor de seus próprios pensamentos, ainda que vagos e desnecessários.

O sono de Cícero não ficou imune a tais mudanças, e logo se tornou vigília. Pela tela de transmissores ele acompanhava o trabalho perfeccionista de sua equipe. Julgava-se incapaz de mover seus olhos daquele solo arenoso, ainda que o fizesse de maneira quase que inexistencial. Questionava-se se era o sangue que deixara aquela terra tão brilhante. Na ignorância de causas, irresistível era a fascinação, de tal modo que aquele ilustre sujeito simplesmente se distraía dos céus. Desapercebidos meteoritos irrompiam dos céus, rompendo as partículas daqueles miseráveis encantados. O peso gravitacional arrebatara o vazio existencial de um exército inteiro, reduzindo-o à condição de poeira estelar. O brilho de cada um se esfarelou tal qual sujeira, e nunca mais o encanto da retórica de Cícero, nem o disparo não-disparado dos recrutas se ouviu. Na higiene natural, o avanço violento dos mares lavou os destroços das naves, das armaduras, e de cada história que ali se entregou ao esquecimento total.

Já distante da terra-mãe, sobrevoava uma cápsula espacial, tosca e primitiva, mas suficiente. Dentro dela ecoava o primeiro pranto de um recém-nascido, em contraste com as lágrimas alegres e silenciosas de uma jovem mãe.

- É um menino — anuncia confiante um senhor de semblante mais que cansado.

- Posso ver? — pergunta inocente a moça.

- Descanse um pouco. Até aqui, foi muito trabalho. Este menino é mesmo um iluminado, não acha?

De olhos fechados, ela se limita a responder com um aceno. O idoso, devolvendo o menino ao peito materno, procura qualquer canto para sentar e cessar de existir. Outra moça cobre-lhe os olhos, sem esconder nos seus um doloroso lacrimejar.

- Você também merecia descansar, vovô.

- Todos precisamos — respondeu aereamente a mãe. Fechou os olhos e finalmente suspirou. Em nove meses, pela primeira vez sentia o alívio. Sua função de genitora fora finalmente cumprida. O peso do destino de seu povo agora não mais recaía nela, mas em seu primogênito e, se assim quisesse o destino, naquela jovem. Quatorze anos vagando longe de casa... seria muito tempo... e mesmo assim, era tão pouco, tão pouco que ela mesma sentia ser capaz de sentir a felicidade do retorno. Como todos os outros, ela era apenas uma bruma passageira. E seu filho, a terra e a eternidade.